

NARRATIVAS SOBRE PARTICIPAÇÃO INFANTIL VEICULADAS EM LIVES DO YOUTUBE PARA DOCENTES DA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE NETNOGRÁFICA

Tiago da Silva Abreu, UFRGS¹
Fernanda Maya Guimarães, UFRGS²
Rodrigo Saballa de Carvalho, UFRGS³

Considerações iniciais

A pandemia causada pela covid 19 teve início em dezembro de 2019, com auge em 2020 e permanência no ano posterior, o que afetou a organização escolar. Como forma de controle da pandemia, as instituições de ensino ficaram fechadas por um longo período e, mesmo após o retorno às aulas, educadores e estudantes tiveram que seguir protocolos rígidos, que limitaram, em especial, a ação de crianças e docentes da Educação Infantil.

Nesse sentido, entendemos que há especificidades dessa etapa escolar, que são totalmente divergentes com a proposta de aula virtual e também ao rigor disciplinar imposto pelos protocolos de cuidado sanitário no retorno à aula presencial, que acentuou o controle rigoroso em relação aos corpos das crianças, impossibilitando o contato físico entre elas e com os professores.

Mediante esse contexto, as lives se tornaram uma estratégia para partilhar e debater assuntos de interesse em comum. É perceptível assim que, nos últimos dois anos, houve uma intensificação da difusão de lives, que, por meio do Youtube e de outras plataformas e redes sociais, buscaram abordar todo tipo de assunto, em especial, relativos às questões educacionais. Ficou notório a ênfase das crianças que frequentam a creche e pré-escola por motivos diversos.

¹ Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEdu - UFRGS) na linha de pesquisa Estudos sobre Infâncias. Professor de Educação Infantil na Rede Marista. Integrante do grupo de pesquisa **CLIQUE** (Linguagens, Currículo e Cotidiano de Bebês e Crianças Pequenas). E-mail: tiagoaerolito@yahoo.com.br

² Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEdu - UFRGS) na linha de pesquisa Estudos sobre Infâncias. Assessora técnica na Secretária Municipal de Educação de Porto Alegre. Integrante do grupo de pesquisa **CLIQUE** (Linguagens, Currículo e Cotidiano de Bebês e Crianças Pequenas). E-mail: fennda@gmail.com

³ Pós-Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS). Coordenador do grupo de pesquisa **CLIQUE** (Linguagens, Currículo e Cotidiano de Bebês e Crianças Pequenas) E-mail: rsaballa@terra.com.br

Entendemos por live a transmissão ao vivo feita através das redes sociais. Esta estratégia de comunicação propicia que indivíduos possam ser assistidos ou estabelecer um diálogo em tempo real, podendo contar com a participação de inúmeras pessoas. A interação de quem acompanha a live ocorre por intermédio da aba de conversas chamada chat, o qual também possibilita o diálogo entre todos os participantes. As transmissões ainda podem ficar salvas nas plataformas como vídeo.

Em nosso grupo de pesquisa CLIQUE⁴ (Linguagens, Currículo e Cotidiano de Bebês e Crianças Pequenas) estudamos como o conceito de participação infantil tem sido tomado e o modo como atravessa os discursos das escolas e dos educadores da Educação Infantil. Dessa forma, observando o destaque que a Educação Infantil teve no período pandêmico, percebemos ser pertinente investigar como a participação Infantil vem sendo discutida nos últimos anos.

Diante do exposto, pautados nas contribuições dos Estudos Culturais em Educação e nos Estudos Sociais da Infância, neste trabalho temos como objetivo a análise cultural de narrativas veiculadas em lives do Youtube, endereçadas aos docentes da Educação Infantil, sobre a importância da participação das crianças. Nesse âmbito, as lives são entendidas como pedagogias culturais.

Ao realizar buscas pelo nosso material empírico, encontramos inúmeras lives que discorrem sobre diferentes temáticas acerca da Educação, principalmente referindo o contexto pandêmico; contudo, poucas se propõem a discutir o tema da participação na Educação Infantil. Sendo assim, após essa procura, o corpus analítico é constituído por um conjunto de quatro vídeos, veiculados no período de 2020-2021. Metodologicamente é realizada uma análise netnográfica.

O trabalho está organizado em 5 seções. A primeira contextualiza o período pandêmico em que foram produzidas as lives, expondo o objetivo da investigação e justificando a escolha metodológica. A segunda apresenta o conceito de participação a partir dos nossos pressupostos teóricos e discute sobre as lives enquanto pedagogia cultural. A terceira discorre sobre o entendimento da abordagem metodológica netnográfica e apresenta a síntese das quatro lives selecionadas para análise. A quarta apresenta a análise das lives acerca das narrativas no que concerne a participação das crianças na Educação Infantil. Por fim, a quinta traz apontamentos

⁴ Grupo de Pesquisa vinculado à linha de pesquisa Estudos sobre Infâncias no PPGEDU/UFRGS.

no que diz respeito ao modo como o conceito de participação é tomado no contexto da Educação Infantil.

Participação infantil e Pedagogias Culturais: delineando conceitos

A fim de estabelecermos relações entre a nossa concepção de participação infantil e o nosso objeto de estudo “live” no âmbito da educação, se faz necessário situarmos o leitor sobre o conceito de Pedagogia Cultural, o qual situa-se no campo dos Estudos culturais. Este campo nos possibilita problematizar como os sujeitos são produzidos pelos artefatos culturais.

Nessa perspectiva, conforme Andrade (2016) as pedagogias culturais são um conjunto de transformações sociais e culturais vinculados à mídia e seus artefatos, que também produzem os sujeitos infantis.

Considerando o exposto, entendemos a live como um artefato cultural, com destaque midiático atualmente, o qual veicula uma pedagogia cultural. Essa forma de comunicação se mostrou como forte modo de exposição de marcas e propostas diversas. Dentre elas, a educação e suas narrativas ganharam visibilidade, e seus intercessores ganham espaço e legitimidade, alcançando grande número de consumidores. Assim fica evidente para nós a concepção das lives como pedagogias culturais, as quais ensinam modos de significar a infância, as crianças e a Educação Infantil.

É comum o conceito de protagonismo infantil ser utilizado como sinônimo de participação infantil. Segundo Cussiánovich (2017), com o qual concordamos, o protagonismo está vinculado ao amplo direito, à possibilidade de decisão e sua relação com o poder. Na medida que esse poder é pouco ou nada partilhado na relação com a criança, fica inviável usarmos o termo protagonismo infantil. No entanto, a participação infantil nos parece mais aceitável, embora tenha as suas problemáticas conforme muitos autores a respeito desse conceito.

Dentre os teóricos que temos como referência, Lansdown (2005) define três níveis distintos de participação infantil: processos consultivos em que se reconhece as opiniões das crianças, mas são iniciados, dirigidos e administrados por adultos; processos participativos caracterizam-se por serem iniciados por adultos, incluírem a colaboração das crianças, as quais podem exercer influência; e processos autônomos, nos quais as crianças têm o poder de efetuar a ação, escolher os temas a tratar e detém o controle do processo, enquanto os adultos atuam



9º
SBECE
6º SIECE

SEMINÁRIO BRASILEIRO
DE ESTUDOS CULTURAIS
E EDUCAÇÃO
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS
CULTURAIS E EDUCAÇÃO

OUTROS MODOS
DE NARRAR O MUNDO

23 A 26 | MAIO | 2022

Promoção:



Programa de Pós-graduação
em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação
em Educação UFRGS

In: Anais do 9º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação / 6º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação. Canoas: PPGEDU, 2022.
ISSN: 2446-810X

como facilitadores. Segundo a autora, “para que as crianças possam expressar suas opiniões, é essencial que os adultos criem oportunidades para que isso aconteça.” (LANSDOWN, 2005, p. 3).

De acordo com Tomás (2007) “participar significa influir diretamente nas decisões e no processo em que a negociação entre adultos e crianças é fundamental”. Nesse sentido, diferencia-se do processo consultivo exposto por Lansdown (2005). A partir destas autoras, compreendemos que participar não é algo simples e posto, necessitando discussões mais profundas.

Para a teórica Agostinho (2010), as crianças se expressam por meio de inúmeras linguagens, o que nos possibilita ampliar a compreensão de participação infantil, na medida em que concebemos essas diferentes formas de expressão como modos diversos de participação.

Segundo Lansdown (2005, p. 4) é “importante compreender a interpretação que as crianças dão às palavras que são usadas, porque, de fato, muitas vezes pode ser muito diferente da dada pelos adultos.”. Com base nessa afirmação e no pensamento de Agostinho(2010), consideramos que é igualmente relevante buscarmos entender as produções culturais das crianças com a sua ajuda, antes de qualquer interpretação equivocada.

O Youtube como pedagogia cultural: uma análise netnográfica de lives sobre participação

A Netnografia consiste na pesquisa envolvendo a observação participante no âmbito virtual. “Ela usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural e comunal”(KOZINETTS, p. 61 e 62). Desta forma, as redes sociais podem ser tomadas como campo de pesquisa virtual. Contudo, cabe-nos perguntar se podemos considerar a nossa metodologia como netnográfica, na medida em que não interagimos com os participantes das lives.

À face do exposto, compreendemos que sim, pois a Netnografia é uma forma específica de etnografia e, por ser realizada em ambiente virtual, tem as suas particularidades. Ademais, essa metodologia abrange a observação das relações dos sujeitos no ciberespaço, atentando para os modos de interação virtual (SALES, 2012).

Apresentamos uma síntese das quatro lives. Para situar o leitor, as numeramos assim: **Live 1** - “Ética, escuta e participação dos pequenos na rede”(ano de 2020); **Live 2** - “Participação e escuta de crianças”(ano de 2021); **Live 3** - “A participação das crianças, bebês e famílias no trabalho pedagógico na educação infantil”(ano de 2021) e **Live 4** - “Escuta e Participação Infantil: propostas possíveis! (ano de 2021).

A Live 1 foi organizada pela prefeitura de Canoas. Participaram da transmissão a mediadora Gisele Bervig, a secretária municipal Ângela Gomes e os palestrantes Juliane Gavião, Jaqueline Fogaça e Valmir Zulu. Estes objetivam mostrar a pesquisa com crianças no âmbito da universidade e da escola, abordando os temas: ética, escuta e participação das crianças, como atravessadores das ações dos sujeitos envolvidos. A Live 2 foi organizada pela Avante – Educação e Mobilização Social. Participam a mediadora, a qual não se apresenta, e os palestrantes Vital Didonet e Ana Marcilo. Ele aborda a criança como sujeito de direitos. Ela versa sobre experiências de participação e escuta de crianças. A Live 3 foi organizada pela Universidade Federal de Alagoas. Participam o mediador Fábio Hoffmann Pereira e as palestrantes Renata Dias e Andreia Regina Camargo. As convidadas abordam as ações entre escola, família e o trabalho na creche, enfatizando a participação destes atores. As palestrantes abordam ainda as dificuldades impostas à Educação Infantil diante do contexto pandêmico. A Live 4 foi organizada pela Prefeitura de São Leopoldo. As participantes são: Rose Domingos e Letícia, organizadoras da live; a mediadora Taty Filha e as palestrantes Vanessa Santos e Raquel Ribeiro. Vanessa versa sobre a importância de escutar as crianças para incluir os seus interesses no planejamento, mas sem abandoná-lo. Raquel discute a participação infantil a partir de Hart e distingue este conceito de protagonismo.

As narrativas presentes nas lives sobre a participação das crianças na Educação Infantil

Na Live 1, Gisele afirma: “Teremos a comprovação de que se faz pesquisa na Educação Infantil e de que essa pesquisa parte muitas vezes da construção com as crianças e por isso é permeada por ética, por uma escuta sensível e por uma participação efetiva das crianças”. Refletindo sobre esse excerto, questionamos a ideia de “participação efetiva”, visto que não é sempre que ocorre a participação. Desse modo, cabe-nos perguntar sobre qual conceito de participação a live trata? Nesse sentido, embora a participação infantil apareça num SLIDE com apontamentos acerca do tema, não há referência teórica a respeito desse conceito.



9º
SBECE
6º SIECE

SEMINÁRIO BRASILEIRO
DE ESTUDOS CULTURAIS
E EDUCAÇÃO
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS
CULTURAIS E EDUCAÇÃO

OUTROS MODOS
DE NARRAR O MUNDO

23 A 26 | MAIO | 2022

Promoção:



Programa de Pós-graduação
em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação
em Educação UFRGS

In: Anais do 9º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação / 6º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação. Canoas: PPGEDU, 2022.
ISSN: 2446-810X

Segundo Valmir (Live 1), “Nem sempre a escuta vai ser a fala. Pode ser o brincar, a pintura, pode ser a representação e o que compõe a cultura de pares”. Denotamos que esse pensamento vai ao encontro das diferentes formas de participação abordadas por Agostinho (2010).

Na Live 2, Vital cita o poema “As cem linguagens da criança” de Malaguzzi, dizendo que devemos entender que as crianças têm o que dizer, mas através da sua linguagem. Embora não mencione a participação, assim como Agostinho(2010), compreende que as crianças se expressam por meio de inúmeras linguagens.

Ana (Live 2) questiona se existe hierarquia entre os direitos de participação, provisão e proteção. Segundo ela, se inibimos o direito à participação, como saberemos se a criança está sendo protegida, já que não pode participar. Para Ana, se proteção é ter sempre alguém ao lado, muitas vezes, em nome desta, a criança perde a possibilidade de participar. Ao abordar a diferença entre escuta e participação, a palestrante afirma que “a ideia é que a escuta da criança possa impactar na tomada de decisões, e essa impactação é a participação”. Assim, concebemos que o seu pensamento vai ao encontro de Tomás(2007), pois entende que “participar significa influir diretamente nas decisões e no processo em que a negociação entre adultos e crianças é fundamental”.

Em relação à pandemia, Ana (Live 2) compartilha vídeos produzidos durante esse período. Ela diz que não queria deixar de garantir o mínimo de escuta das crianças no contexto pandêmico, porém não há discussão relacionada ao contexto vivido.

Na Live 3, Renata, ao se referir a Paulo Freire, afirma que ele não escreveu sobre crianças especificamente, mas entende que “é possível fazer uma relação bastante coerente em relação à concepção de educação das crianças[...], atrelada aos princípios e propostas freireanas”. Cita assim o conceito de participação para o autor: "Participação não é um slogan, mas é sim, a expressão, ao mesmo tempo, de um caminho para a realização de uma educação democrática capaz de romper com essa tradição de uma educação bancária, elitista e colonizadora que ainda tem profundas raízes e influências na nossa forma de pensar a educação e a educação infantil”. Diante desse conceito de participação, questionamos se é possível pensá-lo no viés da participação infantil, visto que a relação entre adultos e crianças é assimétrica. Segundo Renata, a partir da perspectiva de Paulo Freire, “a participação tem a ver com tomada

de decisões”. Nesse sentido, compreendemos que a palestrante poderia problematizar se as crianças, na realidade vivida, decidem no contexto escolar.

Andreia (Live 3) acredita na “gestão democrática [...] pensando na participação de todos” e que “não tem como falar de gestão democrática e participação sem trazer Paulo Freire”. Contudo, a participação infantil é pouco discutida e sem fundamentação teórica. Deprendemos assim que não fica evidente o que a palestrante entende por participação infantil, afirmando a sua importância, mas sem apontar essa relevância.

Em relação ao período pandêmico, Andreia e Renata (Live 3) concordam com a dificuldade em atuar virtualmente na Educação Infantil. Entretanto, não falam da participação infantil durante esse processo. Deduzimos que, sob a ótica das palestrantes, a participação das crianças é impossível de forma remota, mas é garantida na aula presencial.

Na Live 4, Letícia procura tensionar o direito à escuta e participação previsto em lei, afirmando que “não formamos crianças cidadãs e que elas nascem cidadãs e por isso precisam ter seus direitos garantidos desde seu nascimento”. Por este excerto, observamos que inicialmente há uma perspectiva calcada nos direitos legais das crianças; no entanto, essa lei garante o direito à participação infantil?

Vanessa (Live 4) cita a roda de conversa na Educação infantil como tendo um “papel central do trabalho pedagógico”. Essa fala nos remete a interpretar que a participação da criança está diretamente relacionada ao momento de “roda de conversa”, entretanto, compreendemos que a participação infantil pode ocorrer em todos os espaços. Ela também reforça que apesar de ter um planejamento, pode-se ouvir as crianças, “sem deixar pra trás o que foi planejado”, conforme suas palavras.

Nesse sentido, entendemos que mesmo a professora valorizando a fala dos seus estudantes, mostra ser inviável abandonar por completo o que planejou, o que podemos considerar como o “processo consultivo” citado por Lansdown (2007), em que se reconhece a opinião das crianças, mas sem a possibilidade de controlarem o processo.

A palestrante Raquel (Live 4) expõe que se embasa em grandes teóricos acerca da participação infantil; contudo explicitamente seu aporte teórico diz respeito apenas à Hart, mencionando a “escada” de níveis de participação elaborada pelo autor. Para ela, “a participação infantil significa participar das tomadas de decisões, sair da escuta para uma real transformação a partir da perspectiva da criança”. Nesse processo, os adultos são importantes



9º
SBECE
6º SIECE

SEMINÁRIO BRASILEIRO
DE ESTUDOS CULTURAIS
E EDUCAÇÃO
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS
CULTURAIS E EDUCAÇÃO

OUTROS MODOS
DE NARRAR O MUNDO

23 A 26 | MAIO | 2022

Promoção:



Programa de Pós-graduação
em Educação UELBIA



Programa de Pós-graduação
em Educação UFRGS

In: Anais do 9º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação / 6º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação. Canoas: PPGEDU, 2022.
ISSN: 2446-810X

como mediadores, mas sem falar por elas. Desse modo, compreendemos que ela possa estar se referindo ao último nível de participação, em que a criança inicia e compartilha decisões com os adultos.

Concordamos assim com a urgência em olhar para o adulto como ator importante na promoção da participação. Nesse sentido, Agostinho (2010, p.101) afirma que “cabe aos adultos, responsáveis pela organização, disponibilizarem tempos e espaços nas práticas pedagógicas, abrirem espaço para que isto se efetive, num exercício de diálogo intergeracional e de compartilhamento de poder”.

Raquel ainda aborda o direito à não-participação. Reiteramos a necessidade de problematizar essa questão, visto que a participação é um direito da criança e não um dever.

Vanessa (Live 4) relata a importância da escuta no contexto da pandemia. Disse que foi necessário escutar as crianças numa “roda de conversa” virtual e acolheu as suas propostas. Interpretando essa “escuta” como forma de participação, nos leva a reforçar que a participação pode se mostrar de diferentes formas.

Após destacarmos os pontos relevantes das lives, constatamos aspectos em comum. Por exemplo, com exceção da Live 1, as demais referenciam Paulo Freire, tanto por parte dos palestrantes quanto pelos organizadores. As duas primeiras lives não citam referencial teórico para subsidiar a sua argumentação quanto ao tema participação infantil.

Em todas as lives, são reconhecidas as diferentes formas de expressão da criança, o que entendemos como diferentes modos de participar. Contudo, apenas na Live 2 há uma referência teórica em torno do assunto.

Gisele (Live 1) afirma que o vídeo final, em que duas meninas relatam sua experiência no projeto escolar, evidencia o protagonismo das crianças. Renata (Live 3) discute a importância de “uma coconstrução de uma unidade educativa por muitas mãos, de todos os que habitam na Educação Infantil. Entre esses autores, bebês e crianças são os principais protagonistas”. Vanessa (Live 4) narra o começo de um projeto inspirado na particularidade de uma estudante como exemplo de protagonismo.

A partir do exposto, evidenciamos que o termo protagonista é mencionado em três lives sem referência teórica. Contudo, na Live 4, Raquel busca problematizar o protagonismo infantil, dizendo que o termo é usado como sinônimo de participação, então procura diferenciá-los. Dessa forma, opta pelo termo participação infantil, pois entende que a “participação reforça

na própria palavra o que a gente espera nesse processo todo de escuta da criança. A criança não é destaque para alguma coisa, é mais um participante nesse processo democrático”, assim como o adulto.

Corroboramos com o pensamento de Raquel, entendendo a relevância da distinção entre participação e protagonismo, porém acreditamos ser necessário fundamentar a sua fala a partir das referências que a levaram a essa diferenciação.

Assim, realizamos algumas inferências. Crianças narrarem a sua experiência conforme exposto na Live 1 não configura em protagonismo das mesmas, assim como a professora iniciar um projeto por meio do interesse de uma criança não garante esse protagonismo, como afirmado na Live 4. Segundo Cussiánovich (2017) ao relacionar protagonismo como partilha de poder, indagamos se há essa partilha entre as “muitas mãos” referidas na Live 3. Nesse sentido, reiteramos o nosso entendimento de que participação e protagonismo não são sinônimos.

No que tange ao contexto pandêmico, apenas a Live 1 não faz menção, pois foi transmitida antes da pandemia chegar ao Brasil. Em relação às demais, a Live 2 não trata da participação infantil, enquanto as outras relatam mesmo que brevemente como ocorreu a interação ou participação das crianças por meio das aulas virtuais.

Considerações finais

A partir das análises realizadas, depreendemos a importância de ao abordarmos qualquer que seja a temática, através de uma live, tenhamos dimensão do alcance desse veículo comunicativo. Sendo assim, devemos procurar nos munir teoricamente acerca do tema a ser debatido, pois a responsabilidade dos participantes das lives é o compartilhamento de conhecimento pautados na produção de conhecimento sobre a temática. Além disso, é importante que seja partilhado diferentes pontos de vista, a partir dos(as) autores(as) selecionados(as) para o debate.

Dessa forma, reiteramos a relevância de se discutir com seriedade e aprofundamento a respeito da participação infantil, visto que é um direito das crianças. Outrossim, é a garantia do reconhecimento de que as crianças são cidadãs.



9º
SBECE
6º SIECE

SEMINÁRIO BRASILEIRO
DE ESTUDOS CULTURAIS
E EDUCAÇÃO
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS
CULTURAIS E EDUCAÇÃO

OUTROS MODOS
DE NARRAR O MUNDO

23 A 26 | MAIO | 2022

Promoção:



Programa de Pós-graduação
em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação
em Educação UFRGS

In: Anais do 9º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação / 6º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação. Canoas: PPGEDU, 2022.
ISSN: 2446-810X

Como pesquisadores do campo da Educação Infantil, é nosso dever abordar assuntos que entendemos como relevantes através da fundamentação teórica que sustenta as nossas concepções, legitimando assim a área, em especial, sobre esse tema que nos é tão caro como a participação infantil.

Referências

AGOSTINHO, Kátia Adair. **Formas de participação das crianças na Educação Infantil**. Tese de Doutorado em Estudos da Criança. Universidade do Minho, 2010.

ANDRADE, Paula Deporte de. A invenção das pedagogias culturais. In: CAMOZZATO, Viviane Castro; CARVALHO, Rodrigo Saballa de; ANDRADE, Paula Deporte de. **Pedagogias culturais: a arte de produzir modos de ser e viver na contemporaneidade**. Curitiba: Appris, 2016.

A participação das crianças, bebês e famílias no trabalho pedagógico na educação infantil. Palestrantes: Renata Dias e Andreia Regina Oliveira Camargo, Alagoas, 2021. 1 vídeo (127 minutos). Transmitido em 9 de abril de 2021 pelo canal ProgradUFAL. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VV2BVQP5vGQ>. Acesso em: 29 de março de 2022.

CUSSIÀNOVICH, Alejandro. Conferência: Protagonismo infantil, co-protagonismo, y pedagogia de la ternura. Youtube. 2017. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ftzmp-vpVag>>. Acesso em: 18 de abril de 2022.

Escuta e Participação Infantil: propostas possíveis! Palestrantes: Vanessa de Oliveira Santos e Raquel Ribeiro, São Leopoldo: TV SMED São Leopoldo, 2020. 1 vídeo (108 minutos). Transmitido ao vivo em 03 de maio de 2021 pelo canal Formação de professores SME – Prefeitura de Canoas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QJZz8QnMrTA>. Acesso em: 28 março de 2022.

Ética, escuta e participação dos pequenos na rede. Palestrantes: Juliane Gavião, Jaqueline Fogaça e Valmir Zulu, Canoas: Formação de professores SME – Prefeitura de Canoas, 2020. 1 vídeo (119 minutos). Transmitido ao vivo em 29 de janeiro de 2020 pelo canal Formação de professores SME – Prefeitura de Canoas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QJZz8QnMrTA>. Acesso em: 23 março de 2022.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

LANSDOWN, Gerison. **¿Me haces caso? El derecho de los niños pequeños a participar en las decisiones que los afectan**. Cuadernos sobre Desarrollo Infantil Temprano, n° 36s, Fundación Bernard van Leer, La Haya, Países Bajos, 2005.

Participação e escuta de crianças. Palestrantes: Vital Didonet e Ana Marcilo, São Paulo, 2021. 1 vídeo (125 minutos). Transmitido ao vivo em 29 de janeiro de 2021 pelo canal Avante – Educação e Mobilização Social. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z3CRMCPnaUY>. Acesso em: 25 de março de 2022.

SALES, Shirlei Rezende. Etnografia=netnografia+análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em Educação. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves, (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

TOMÁS, Catarina. “Participação não tem Idade”. Participação das crianças e cidadania da Infância. **Revista Contexto & Educação**, v.22, n.78, p. 45–68, 2013.